



## A inscrição negra na produção poética

Inicia-se, em meados da década de 1940, a produção poética de **Solano Trindade**, provavelmente o mais importante poeta negro brasileiro. De fato, nos textos de Trindade encontram-se as principais características que delinearíamos a criação poética negra brasileira nos últimos cinquenta anos.

Trindade apresenta uma obsessão” pela reconstituição histórica. No entanto, essa perspectiva coaduna-se não só com a ideia de “exposição” da história não-oficial promovida pela literatura negra, mas também revela-se coerente com a prática de inversão de signos negativos.

Solano Trindade descongela imagem do negro plasmada em estereotipais: nem dócil, nem fera, o negro apresenta-se em sua escritura como homem e, como homem, capaz de todas as ações e sentimentos que o humanizam. Cabendo a cada um de que lado da história vai ficar ao escolher o lugar de seu discurso.

Recontar criticamente a história dos negros afigura-se como um dos procedimentos relevantes e recorrentes na literatura afro-brasileira. Nesse sentido, veja-se o poema “**Sou negro**”, de Trindade:

### Sou Negro

meus avós foram queimados  
pelo sol da África  
minh'alma recebeu o batismo dos tambores  
atabaques, gonguês e agogôs  
Contaram-me que meus avós  
vieram de Loanda  
como mercadoria de baixo preço  
plantaram cana pro senhor de engenho novo  
e fundaram o primeiro Maracatu.

Depois meu avô brigou como um danado  
nas terras de Zumbi  
Era valente como quê  
na capoeira ou na faca  
escreveu não leu

o pau comeu  
Não foi um pai João  
humilde e manso  
Mesmo vovó  
não foi de brincadeira  
na guerra dos Malés  
ela se destacou

Na minh'alma ficou  
o samba  
o batuque  
o bamboleio  
e o desejo de libertação



Nesse poema, a África é o ponto de partida de um processo histórico pontuado por símbolos de resistência: “Zumbi”, “Não foi um pai João”, “guerra dos Malés” etc.

A tradição oral africana (“Contaram-me que meus avós vieram de Loanda”), elemento fundamental das culturas negras diaspóricas, é o grande responsável pelo resgate histórico no poema de Trindade. É por meio dele que o sujeito poético conscientiza-se da importância e do significado de sua própria história, reconhecendo sua passagem de objeto, “mercadoria de baixo preço”, a sujeito histórico.

A recorrência à revisão histórica como matéria poética torna-se um excelente meio de reelaborar visões de mundo distorcidas pelo status quo racista e impostas às comunidades diaspóricas, entre elas o Brasil. Veja-se, por exemplo, o poema “**Para Domingos Jorge Velho**”, de **José Carlos Limeira**, poeta ligado ao movimento literário Quilombhoje.

Nesse texto, a preocupação fundamental é a reversão de imagens transmitidas e cristalizadas como positivas e o desmantelamento da figura dos chamados heróis que, historicamente, são agentes diretos ou indiretos de opressão.



### Para Domingos Jorge Velho

DOMINGOS, bem que você poderia  
Ter sido menos canalha!  
Está certo que eras um filho da Coroa,  
Súdito leal,  
E os negros de Palmares ...  
Ora, negro é negro.  
Jorge meu caro  
Entendo que estivesse vendo seu lado  
Ouro, carne-seca, farinha, eram bem pagos  
VELHO, o que me dói  
É o fato de teres com alguns milhares  
De porcos dizimado um sonho  
Justo de Liberdade.  
E ainda por cima voltaste com  
Três mil orelhas de negros,  
TRÊS MIL!



Ontem senti um tremendo nojo  
Quando te vi como herói no livro  
de História do meu filho.  
Mas foi no fim muito bom  
Porque veio de novo a vontade  
De reescrever tudo  
E agora sem heróis como você  
Que seriam, no máximo, depois de revistos,  
Assassinos, e bem baratos.  
Atenciosamente  
UM NEGRO

No poema **Vozes Mulheres, Conceição Evaristo**, por meio de uma falange de mulheres, revisa e reescreve a história do ponto de vista contrário ao do afresco histórico reconhecido, numa demonstração de que, diferente da visão petrificada e zoomorficada em que foi plasmada a imagem dos afrodescendentes na historiografia canônica, se foram submetidos a um sistema opressor, nem sempre foram submissos a este, lutando com as armas de que dispunham: a palavra. E cabe à mulher negra a incumbência de passar às gerações as experiências vivenciadas. Vejamos o poema:

### Vozes Mulheres

A voz da minha bisavó ecoou  
Criança  
Nos porões do navio.  
Ecoou lamentos  
De uma infância perdida

A voz da minha avó  
Ecoou obediência  
Aos brancos – donos de tudo.  
A voz de minha mãe  
Ecoou baixinho revolta  
No fundo das cozinhas alheias  
Roupagens sujas dos brancos  
Pelo caminho empoeirado  
Rumo à favel

A minha voz ainda  
Eco versos perplexos  
Com rima de sangue  
E  
Fome

A voz de minha filha  
Recolhe todas as nossas vozes  
Recolhe em si  
As vozes mudas caladas  
Engasgadas nas gargantas  
.

A voz da minha filha  
Reconhece em si  
A fala e o ato  
O ontem, o hoje e o agora  
Na voz de minha filha  
Se fará ouvir a ressonância  
O eco da vida – liberdade



Mulheres que, mesmo acumulando subtrações históricas e socialmente segregadas – da senzala à favela e sempre presentes nas “cozinhas alheias” – conseguem manter-se de pé, conscientes de sua condição e exibindo, apesar das submissões impostas, determinação em seguir em frente; mulheres que, como quem passa um bastão invisível através do tempo, passam, como um legado, experiências de vida através de gerações: a bisavó ecoou para a avó que ecoou para a mãe que passou para o poeta que explodiu na filha/fruto/futuro. Uma trama sorrateira a garantir uma continuação. Linhas invisíveis, invencíveis compondo uma trama de vozes a recuperar ponto por ponto o tempo triturado pela linearidade histórica.

